



Candidates must complete this page and then give this cover and their final version of the extended essay to their supervisor.

Candidate session number

Candidate name

School number

School name

Examination session (May or November)

MAIO

Year

2013

Diploma Programme subject in which this extended essay is registered: PORTUGUÊS - LÍNGUA A1 - LITERÁRIA

(For an extended essay in the area of languages, state the language and whether it is <sup>grupo I</sup> group 1 or group 2.)

Title of the extended essay: DA GÉNESE À PUBLICAÇÃO DE «A MENSAGEM» - UM  
PERCURSO EVOLUTIVO

### Candidate's declaration

*This declaration must be signed by the candidate; otherwise a grade may not be issued.*

The extended essay I am submitting is my own work (apart from guidance allowed by the International Baccalaureate).

I have acknowledged each use of the words, graphics or ideas of another person, whether written, oral or visual.

I am aware that the word limit for all extended essays is 4000 words and that examiners are not required to read beyond this limit.

This is the final version of my extended essay.

Candidate's signature:

Date:

## Supervisor's report and declaration

The supervisor must complete this report, sign the declaration and then give the final version of the extended essay, with this cover attached, to the Diploma Programme coordinator.

Name of supervisor (CAPITAL letters)

Please comment, as appropriate, on the candidate's performance, the context in which the candidate undertook the research for the extended essay, any difficulties encountered and how these were overcome (see page 13 of the extended essay guide). The concluding interview (viva voce) may provide useful information. These comments can help the examiner award a level for criterion K (holistic judgment). Do not comment on any adverse personal circumstances that may have affected the candidate. If the amount of time spent with the candidate was zero, you must explain this, in particular how it was then possible to authenticate the essay as the candidate's own work. You may attach an additional sheet if there is insufficient space here.

O interesse pelo tema, surgiu, segundo o \_\_\_\_\_, devido ao facto de a «Mensagem» ser parte integrante do curriculum de Português. Além disso, em família, a obra é bastante citada e comentada.

O \_\_\_\_\_ decidiu optar pela originalidade, ao estudar o tema em questão. De facto, a primeira ideia que teve, para a realização da sua monografia, implicava um estudo comparativo entre «Os Lusíadas» e a «Mensagem».

O aluno leu a obra na íntegra, bem como os estudos críticos sobre a mesma, que, de alguma forma, estivessem relacionados com o título do trabalho. Posteriormente, realizou um esquema inicial e leu a Bibliografia crítica sobre o assunto, que estudou intensamente.

«Entrar no mundo de Pessoa», foi um trabalho complexo. Trata-se de um universo próprio, que implica um estudo aprofundado, deslocações, aquisições de muita bibliografia e, finalmente, muita leitura.

O \_\_\_\_\_ considera que este estudo é relevante para a investigação, porque, em trabalho próprio (que o aluno não encontrou publicado ou de outro autor) se consolida e se aprofunda o tema proposto. O aluno considerou o trabalho interessante, trabalhoso, mas que acabou por lhe dar intenso prazer à conclusão e a realizar.

This declaration must be signed by the supervisor; otherwise a grade may not be issued.

I have read the final version of the extended essay that will be submitted to the examiner.

To the best of my knowledge, the extended essay is the authentic work of the candidate.

I spent  hours with the candidate discussing the progress of the extended essay.

Supervisor's signature:

Date:

## Assessment form (for examiner use only)

Criteria	Achievement level					
	Examiner 1	maximum	Examiner 2	maximum	Examiner 3	
A research question	0	2		2		
B introduction	1	2		2		
C investigation	2	4		4		
D knowledge and understanding	2	4		4		
E reasoned argument	2	4		4		
F analysis and evaluation	1	4		4		
G use of subject language	3	4		4		
H conclusion	1	2		2		
I formal presentation	3	4		4		
J abstract	2	2		2		
K holistic judgment	1	4		4		
Total out of 36	18					

Da génese à publicação de *A Mensagem* de  
Fernando Pessoa- um percurso evolutivo

Monografia em Língua Portuguesa A1- Literatura



a) Retrato de Fernando Pessoa (1914)

## Sinopse

Investiga-se nesta monografia o percurso evolutivo de *A Mensagem*, ao longo de vinte anos, culminando na publicação em 1934, e em circunstâncias muito especiais, a propósito de um concurso organizado pela Sociedade de Propaganda Nacional.

A questão de investigação que achei adequada a este trabalho é a seguinte: **Que evolução se deu na produção autoral de *A Mensagem* até à respetiva publicação em 1934?**

Para escrever esta monografia consultei uma diversidade de obras aconselhadas depois de uma visita à casa Fernando Pessoa (cujas imagens deixo em anexo), no entanto centralizei a minha pesquisa em dois textos escritos pelo autor, designadamente a própria *Mensagem* e *A Carta da Génese dos Heterónimos*, bem como em quatro estudos críticos sobre a obra. Consultei também artigos científicos, na Web, sobre o assunto.

A grande conclusão é que esta foi uma obra muito “esculpida”, razão que fez com que a sua produção demora-se 20 anos. Esta demora deveu-se a fatores intrínsecos ao autor (relações amorosas, questões de saúde, entre outras), e outras extrínsecas ao autor, como as questões de natureza política (*Ultimatim* Inglês, entre outros).

# Índice

Sinopse .....	2
I - Introdução .....	4
II - Desenvolvimento .....	5
2.1 Análise crítica .....	5
2.2 A publicação .....	11
2.3 Outros aspetos .....	12
III - Conclusão. ....	15
IV - Bibliografia .....	17
V - Anexos. ....	18

## I - Introdução

O objeto deste trabalho é Fernando Pessoa e o objetivo é tentar perceber, com eficácia, a longa génese de *A Mensagem*, o percurso evolutivo na produção autoral e as circunstâncias da publicação da mesma. Desde cedo, que tive em especial interesse pela qualidade dos textos de Fernando Pessoa e sempre me intriguei pelas circunstâncias que levaram à publicação de *A Mensagem*. Durante os meus estudos, fascinou-me a questão da **obsessão** do autor em publicar uma obra consubstancial, colocando o seu gosto pela literatura e pela publicação póstuma como **objetivo primordial da sua vida**. E essa publicação, que não foi uma publicação de autor, como no caso de *O Marinheiro*. Ao invés, esta publicação ocorreu no final da sua vida, em 1934, e em circunstâncias muito especiais como procurarei demonstrar mais adiante.

Escolhi como título para este trabalho “Da génese à publicação de *A Mensagem* de Fernando Pessoa – um percurso evolutivo”. Após algumas reuniões com o meu supervisor que concordou com o tema que lhe propus, este indicou-me bibliografia relevante. Após a leitura da bibliografia referida, a anotação de passagens significativas que fossem úteis para esta monografia e a elaboração de uma estrutura, comecei a redigir este trabalho que deixo para avaliação.

## II - Desenvolvimento

*A Mensagem*, editada em 1934, foi o único trabalho de Fernando Pessoa ainda publicado em vida, e também o único não publicado pelo próprio. Este facto confere à obra um destaque em relação às restantes obras publicadas, entre as quais destaco *O Livro do Desassossego* (1982).

Seria de esperar que esta obra, como as restantes, tivesse sido escrita com uma **sequência cronológica coerente**, contudo isso não aconteceu. Após uma intensa investigação sobre a obra e o seu autor descobri que os poemas que a compõem não foram escritos sequencialmente. Percebi que a esmagadora maioria dos poemas foi escrita em duas datas precisas, **1928 e 1934**.

Foram vários os fatores que explicam esta ocorrência, alguns relacionados com as suas vivências pessoais (relação amorosa com Ofélia Queiroz)<sup>1</sup>, as suas habituais tertúlias literárias e mundanas com Carlos Queiroz, Mário de Sá carneiro, Almada Negreiros, Santa Rita Pintor, entre muitos outros.

### 2.1 Análise Crítica

É de notar que esta compilação de 44 poemas foi escrita **ao longo de vinte anos**, entre 1913-1934, o que é realmente excessivo. Como tal, para poder responder ao tema proposto no início desta monografia, procurarei avaliar a qualidade dos poemas escritos nas várias fases de produção, tentando tirar ilações dessa mesma avaliação.

A temática fundamental da obra é um chamamento às glórias passadas da Pátria Portuguesa, retomando a epopeia camonianiana, embora com um cariz modernista. A unidade da obra está em correlação com o Plano da História de Portugal, com o Plano da Viagem e com a Dedicatória de *Os Lusíadas*. Além disto a simbologia numérica e a hermética consolidam essa mesma unidade. O cariz nacionalista em todos os poemas da obra, apesar de estes não terem sido escritos todos no mesmo ano.

---

<sup>1</sup> Que lhe tomou muito do tempo disponível



Em 1913, escreveu o primeiro dos poemas da obra, *D. Fernando, Infante de Portugal* – incluso na primeira parte da obra. Trata-se de um poema de quinze versos, distribuídos por três estrofes, que apresenta o esquema rimático ABAAB, com uma rima emparelhada em A e interpolada em B. O primeiro, o terceiro e o quarto verso são decassilábicos (10 sílabas métricas), o segundo e quinto são hexassilábicos.<sup>2</sup>

Todo o texto gira em volta de uma ideia: Deus é o Messias e o homem o seu agente. Esta ideia é acentuada nos dois primeiros versos “*Deu-me Deus o seu gládio porque eu façal A sua santa guerra*”. Existe aqui, pela voz do próprio D. Fernando, uma visão messiânica da história que se irá repetir noutros poemas posteriores, como por exemplo em *O Infante*.

Percebemos que essa armação seria Deus a embutir o Espírito Santo em D. Fernando, tornando-o assim num Cavaleiro de Cristo. No discurso de D. Fernando percebe-se a capacidade de sofrer em silêncio e o desejo pela “febre de Além” através desta surpreendente metáfora, o escritor revela uma outra ideia que se irá repetir ao longo da obra, a proclamação do Quinto Império. Na realidade histórica, D. Fernando fez a santa guerra e foi consagrado com a honra, mas também com a desgraça pois faleceu em território inimigo.

Na última estrofe renova-se o tom épico, evidente nos últimos três versos, “*Cheio de Deus, não temo o que virá,/ Pois venha o que vier, nunca será / Maior do que a minha alma.*”. A ideia expressa, através de uma metáfora muito original, é que apesar de D. Fernando passar por tempos difíceis, como Deus está com ele consegue suportar toda a dor<sup>3</sup>. Na última estrofe transmite-se uma ideia: é preciso “ir e não temer”.

Trata-se, sem dúvida, de um poema de referência, de grande qualidade poética pelas metáforas surpreendentes, pela adjetivação, pelas aliteraões. É de notar a existência de um campo lexical relacionado com a consagração divina do herói, em termos como “Deus”, “gládio”, “santa guerra”, “febre do Além”.

Saliento, que no ano anterior, tinha advogado na revista *A Águia* que estaria para breve o aparecimento de um supra camões que seria, afinal, ele próprio. Uma ideia

---

<sup>2</sup> Retoma-se aqui uma passagem de *Os Lusíadas* (canto IV, estancias 51-53), embora sem as regras formais próprias de uma epopeia clássica que Camões adotou.

<sup>3</sup> Podemos ainda correlacionar esta última ideia com o tempo difícil em que Pessoa viveu, repleto de instabilidade política e social, muito por culpa da questão do *Ultimatum* Inglês.

fundamental, que lhe serviu, certamente, de pensamento-guia até ao final da sua vida. Assim, neste seu primeiro poema de *A Mensagem*, retoma uma passagem de *Os Lusíadas* (como mencionei anteriormente), na qual consagra uma figura exemplar que sabe sofrer, sempre com a perspectiva de ir mais longe, guiado pelo sonho. Gostaria de assinalar que este poema tem o nome do próprio autor (Fernando) e, em termos de qualidade literária, é tão relevante como outros que escreveu posteriormente, e deixa um eco para a nação: Portugal tem capacidade de sofrer e ir mais além.

Ocorreu depois um hiato de cinco anos na produção destes poemas.

Apesar de, em **1918**, o autor estar mais focado em traduções de obras da língua inglesa, também concebe um poema intitulado *Padrão*, incluso na segunda parte de *A Mensagem*. Sendo este poema um apelo à navegação marítima é também o caminho visível para uma viagem transcendente. No poema, a referência espacial “...areal moreno...” remete a ação para um espaço em África, onde ocorreu a transposição do Cabo das Tormentas, por Bartolomeu Dias em 1488. O cabo era apelidado “das Tormentas” por causa das fortes correntes que afundavam todos os navios que por lá passassem, por isso quando os portugueses o conseguiram passar, foi visto como uma enorme vitória, tanto que Pessoa imortaliza esse feito no primeiro verso do poema em “*O esforço é grande e o homem é pequeno*”. Esta frase também me fez lembrar a reflexão final existente no primeiro canto de *Os Lusíadas* (o bicho da terra).

O autor deixa neste verso a ideia que o povo Português deve continuar (também no presente da escrita) a acreditar num futuro melhor, deve ser perseverante e, sobretudo, saber sofrer. Deve igualmente caminhar em busca da perfeição, o que se anuncia ao longo de todo o poema. O verso referido anteriormente é lapidar e são versos ou momentos fundamentais que ficam para sempre na memória dos homens. Neste poema Pessoa deixa e renova algumas ideias fundamentais, já expressas em *D. Fernando*: a febre do Além, a do papel de Deus na história, a ideia do Quinto Império, a capacidade de sofrimento dos marinheiros em busca de uma viagem transcendente, por fim, a procura da perfeição.

Trata-se, sem dúvida, de um poema de referência, carismático e de grande qualidade como o anterior, igualmente narrado na primeira pessoa com ideias que se repetem mesmo após os 5 anos de interregno na produção destes poemas. As novidades,

em meu entender, são: a proclamação do Quinto Império “*O mar sem fim é Português*”; o retomar da ideia camoniana existente na Preposição de *Os Lusíadas*, de que as navegações portuguesas eram superiores às gregas e às romanas, bem evidente no verso: “*no Mar com fim será grego ou romano*”. Por fim a ideia de que o homem vive estimulado por uma eterna busca de perfeição, o que o faz superar o sofrimento.

Em 1921, Fernando Pessoa escreveu *Prece*. Este poema destaca-se em relação aos anteriores poemas já analisados, pois o discurso é feito na terceira pessoa através de expressões: nós, conquistemos, -nos, nossa. Percebe-se a existência de uma voz sinedóquica que representa a “Prece” de todo um País. Repare-se que depois de encontrar exemplos num passado distante, o autor deixa referências explícitas a um presente incerto. Sendo assim dirige-se uma súplica, em forma de invocação, ao “Senhor” para que o País retome os tempos áureos do Império. O verso “*A mão de vento pode ainda erguê-lo,*” é significativo pois o País ainda está a tempo de se reerguer, de agir, e de não se deixar dominar pela saudade.

Contudo na morte do Império há ainda uma réstia de esperança, o autor argumenta que “a chama”<sup>4</sup> que criou os Portugueses ainda não desapareceu, e acrescenta que “*Se ainda há vida ainda não é finda*”, ou seja o Império pode ter acabado, mas os Portugueses ainda não foram derrotados. Mas antes de podermos renascer temos de aceitar que o outrora grande Império está reduzido a “cinzas” e que a única hipótese de se levantar, através de uma “mão de vento”, ou seja Deus.

Entendo que este poema é diferente em relação aos outros mesmo em tempos formais, já que é composto por 3 quadras. No texto existe a clara confirmação da decadência do País, ao tempo de Pessoa e esta decadência têm como data marcante o desaparecimento de D. Sebastião. Na terceira estrofe sublinham-se a existência de alternativas, sobretudo a ideia da conquista através do Quinto Império. Repare-se ainda que o título do poema tem um significado claramente religioso. Na compilação final idealizada pelo autor, este poema estabelece uma ligação entre a segunda e a terceira partes.

É no ano de 1928 que Pessoa escreve a maior parte dos poemas incluídos em *A Mensagem*, por questões políticas e de vida pessoal.

---

<sup>4</sup> Possível referência a Ulisses pois há teorias que sugerem que Ulisses fundou a cidade de Lisboa.

Começando com<sup>5</sup> as **questões de natureza política**, neste ano temos uma fase na qual Pessoa anuncia o renascimento do País através da ideia do Quinto Império, ideal que leva a que o poeta escreva o poema *O dos Castelos*<sup>6</sup>. Este poema é o primeiro apresentado na obra já compilada e inclui-se na Primeira Parte da mesma, denominada de *O Brasão*. Aqui temos evidente o patriotismo do autor, que apresenta Portugal como a “cabeça” da Europa, por predestinação divina. A Europa surge aqui personificada como uma figura feminina “de olhar esfíngico e fatal”. Mais um poema de referência, de qualidade e com versos marcantes, lapidares, que ficam para a eternidade. Sob o ponto de vista formal, à que assinalar a irregularidade estrófica. Assim, o poema é composto por uma quadra, dois dísticos, um terceto e um monóstico, sendo neste último está a ideia chave de todo o poema:” o rosto com que fita é Portugal”.

Será este sentimento de superioridade lusa, de retomar da autoestima nacional, que terá levado à redação do poema *O Infante D. Henrique*, pois na frase “*O único imperador que tem, deveras,/ O globo mundo na sua mão*”<sup>7</sup>, o autor apresenta o Infante D. Henrique como um dos grandes mentores da Expansão Marítima. Este sentimento profundamente nacionalista coincidiu com a atribuição da pasta das Finanças a Salazar (Pessoa admirou-o quase até ao final da sua vida, tornando-se posteriormente seu antagonista), e como é sabido quando Salazar instaurou a ditadura do Estado Novo uma das suas prioridades terá sido manter o império português, legado deixado pelos navegadores e governantes da era dos Descobrimentos. Comparativamente com os anteriores poemas, este tem apenas uma estrofe e é absolutamente laudatório em relação à figura do Infante D. Henrique. Não apresenta, portanto, a pluralidade temática dos anteriores textos. Sob o ponto de vista retórico, está muito bem conseguido.

Nos últimos meses de **1928** Pessoa intensifica a sua escrita, chegando a **escrever onze dos quarenta e quatro poemas** de *A Mensagem* (*O dos Castelos; O das Quinas; D. Tareja; D. Filipa de Lencastre; D. Duarte, rei de Portugal; Nun’ Álvares Pereira; O Infante D. Henrique; D. João, o Segundo; Afonso de Albuquerque, Terceiro, Nevoeiro*), que coincidiram também com a crescente popularidade de Salazar.

Como referi anteriormente, por esta altura, Pessoa era um admirador Salazar, chegando mesmo a enviar uma carta ao seu meio-irmão Luís expressando a necessidade da ditadura como medida temporária. É de notar que todos estes poemas se enquadram

---

<sup>5</sup> Uma vez mais retoma uma passagem de *Os Lusíadas* (canto III, estancias 17-20).

<sup>6</sup> PESSOA, Fernando; *A Mensagem*; 8ª edição, Assírio & Alvim, Lisboa, 2010; página 15.

<sup>7</sup> Idem; página 41, verso 4 a 5.

na primeira parte da obra, sendo estas figuras verdadeiros mitos que solidificam a ideia de uma Nação forte e com um passado histórico que deverá ser repetido no presente.

Neste ano, em 1928, ocorreu o que denominaremos de “incidente da Coca-Cola”. Fernando Pessoa trabalhou com a firma Moitinho d’Almeida, Lda., que na altura representava essa bebida em Portugal, e foi Pessoa “...quem concebeu o slogan para publicitar a nova bebida...”<sup>8</sup>. Mas por causa de ter “coca” no nome a bebida foi retirada do mercado. E ao que se julga, o próprio slogan de Pessoa “...parece ter contribuído para tal medida, pois o Dr. Ricardo Jorge, então diretor de Saúde de Lisboa, considerou que ele era uma clara confissão da toxicidade da bebida”<sup>9</sup>. Como imaginamos, este incidente deve ter deixado, na Lisboa de então, uma má imagem de Pessoa, e como tal o autor poderá ter decidido escrever afincadamente (poemas de cariz nacionalista, consensuais) para redimir essa mesma imagem. Esta poderá ser uma outra explicação para a realização dos tais onze poemas.

A meu ver, a razão que terá levado Pessoa a escrever apenas um poema de *A Mensagem*, em 1933, é a de que durante este período o autor concorreu ao cargo “... Conservador-Bibliotecário do Museu-Biblioteca conde de Castro Guimarães...”<sup>10</sup>, tarefa que lhe tomou o tempo e a concentração e que no final foi contraproducente, pois o autor não foi escolhido devido a “...não tinha o perfil nem o carácter adequados.”<sup>11</sup>. Este foi o ano em que escreveu *D. Sebastião*, um poema magistral de apenas duas estrofes, onde se faz uma apologia da loucura, que é sinónimo de grandeza, que dá sentido à vida e à morte. Um poema do sonho e da utopia, como forças geradoras da grandeza humana. Este é um poema fulcral que, embora esteja incluído na primeira parte da obra, direciona-a para a terceira parte intitulada “*O Encoberto*”. Como é sabido, o mito sebastianista é crucial nesta obra.

Finalmente no ano de 1934 Fernando Pessoa conclui *A Mensagem* e a publica. Assim, redige apressadamente os poemas *Viriato*; *D. Dinis* e *D. Pedro, Regente de Portugal*.

Destes destaca-se *D. Dinis*, não só pela capacidade invulgar de metaforizar, mas também por que se adivinha na ação deste rei a futura epopeia marítima dos

---

<sup>8</sup> ZENITH, Richard; *Fotobiografias do século XX- Fernando Pessoa*; 2ª edição junho de 2012; editora Temas e Debates, Círculo de Leitores; página 154, linha 8 a 9.

<sup>9</sup> Idem; página 154 linha 13 a 17.

<sup>10</sup> Ibidem; página 157 linha 10 a 11.

<sup>11</sup> Ibidem; página 157 linha 28 a 30.

portugueses. De fato, D. Dinis foi um poeta ilustre e o homem mandou semear o pinhal de leiria cuja madeira seria usada para a construção das naus.

## 2.2 A Publicação

Após aturada investigação descobri alguns fatos muito intrigantes sobre a publicação. Em 1933, António Ferro (amigo de Pessoa com quem este tinha editado a revista *Orpheu* em 1915) é nomeado diretor da criada Sociedade de Propaganda Nacional (SPN), e uma das suas primeiras iniciativas foi a de “...fomentar a criação literária e o trabalho intelectual...”<sup>12</sup>, através da “...instituição de prémios para livros em cinco áreas; história, ensaio, jornalismo, romance e poesia.”<sup>13</sup>. Um deles foi o “Prémio Antero de Quental”, que se destinava a premiar obras poéticas de relevância para a altura.

Portanto esta possibilidade de reconhecimento a nível nacional foi o que motivou Pessoa a apressar a conclusão de *A Mensagem*. Como refere Richard Zenith, “Em Setembro de 1934, estava finalmente pronta, após mais de 20 anos, o livro de versos a que Pessoa tencionava dar o nome de Portugal. Preenchia todos os requisitos do Prémio Antero de Quental...”<sup>14</sup>. Incitado pelos amigos e provavelmente pelo próprio António Ferro que “... lhe adiantou dinheiro, do “saco azul” do SPN, para pagar a edição...”<sup>15</sup>. Antes da publicação oficial, existiu uma edição de autor.

Pouco tempo depois a crítica concretizou o sonho de reconhecimento de Fernando Pessoa, apesar de alguns intelectuais a apelidarem de ser “...excessivamente intelectual, falta de emoção e sensibilidade...”<sup>16</sup>. Mas a generalidade dos leitores achou que “ <<A riqueza poética deste livro é tanta que, ainda que o seu autor nunca mais escrevesse um verso, o seu nome ficaria para sempre ligado á mais rica poesia portuguesa.>> ”<sup>17</sup>

---

<sup>12</sup> ZENITH, Richard; *Fotobiografias do século XX- Fernando Pessoa*; 2ª edição junho de 2012; editora Temas e Debates, Círculo de Leitores; página 158 linha 8 a 9.

<sup>13</sup> Idem; página 158 linha 10 a 12

<sup>14</sup> Ibidem; página 158 linha 13 a 18.

<sup>15</sup> Ibidem; página 158 linha 23 a 24

<sup>16</sup> Ibidem; página 158 linha 59 a 60.

<sup>17</sup> ZENITH, Richard; *Fotobiografias do século XX- Fernando Pessoa*; 2ª edição junho de 2012; editora Temas e Debates, Círculo de Leitores; página 158 linha 48 a 53.

Mas, após mais algum aprofundamento sobre a “estreia”<sup>18</sup> de *A Mensagem*, pude descobrir alguns factos muito relevantes.

Na *Carta da Génese dos Heterónimos*, datada de 13 Janeiro de 1935, Fernando Pessoa expressa a de que a estreia de *A Mensagem* não foi “...feliz...”<sup>19</sup>. O autor justifica-se da seguinte forma, “...na ordem de uma futura publicação de obras minhas, nunca um livro do género de «*Mensagem*» figurava em número um.”<sup>20</sup>; Diz ainda que a única razão porque publicou *A Mensagem*, foi porque era “...o primeiro livro que consegui, não sei porquê, ter organizado e pronto. Como estava pronto incitaram-me a que o publicasse: acedi.”. O autor também menciona que não tinha “...os olhos postos no possível prémio do Secretariado...”<sup>21</sup>.

A meu ver o SPN queria que a obra de Fernando Pessoa ganhasse o respetivo concurso, pois apesar de o autor ter a obra pronta em Setembro, o prazo de entrega era até Julho desse ano; Pessoa comentou que não tinha “os olhos postos no prémio”, e só concorre porque foi incitado por amigos. António Ferro era na altura um amigo do autor, e, ao que parece pagou do próprio “bolso” do SPN a publicação de autor da obra, para que esta pudesse ser posteriormente submetida a concurso. É ainda de notar que António Ferro era um dos júris desse mesmo concurso, que após Pessoa ter ficado em segundo lugar no concurso<sup>22</sup>, o prémio atribuído ao segundo lugar foi aumentado de 1000 reis para 5000.

Portanto posso afirmar que António Ferro e o SPN tinham desejos que Pessoa ganhasse o concurso pois a data de submissão das obras para o concurso foi adiada, o prémio do segundo lugar foi aumentado, e a própria SPN pagou a publicação da obra e provavelmente foi também António Ferro que pressionou Fernando Pessoa a participar no Prémio Antero de Quental.

### **2.3 Outros aspetos que puderam ter levado à publicação de *A Mensagem***

Na carta a Adolfo Casais Monteiro, também podemos encontrar alguns elementos que nos possam elucidar como surgiu *A Mensagem*. Na dita missiva, o autor comenta ao seu correspondente que se considera “ *um nacionalista místico, um*

---

<sup>18</sup> Expressão de Fernando Pessoa na *Carta da Génese dos Heterónimos*

<sup>19</sup> MONTEIRO, Adolfo Casais; *A Poesia de Fernando Pessoa*; *Carta da Génese dos Heterónimos*; 3ª edição; Editorial Presença, Lisboa, 2006, linha 15;

<sup>20</sup> Idem; linha 28 a 29.

<sup>21</sup> Ibidem; linha 21 a 22.

<sup>22</sup> O vencedor foi Vasco Reis com a obra *A Romaria*.

*sebastianista racional*”, o que explica a temática do poema 23º poema, de nome *O Mostrengo*.

Segundo Nuno Hipólito na sua obra *As Mensagens da Mensagem* o poema *O Mostrengo* está repleto de simbolismo, pela parecença com o episódio camoniano, “O Adamastor”. A presença do número três confere um misticismo à obra, dando a sensação de que há uma “...*presença divina*...” sobre os navegadores portugueses, representados pela personagem sinedóquica “O Homem do leme”.

A própria estrutura do livro apresenta essa simbologia do número três, pois está dividida em três partes. O conjunto de poemas da obra está estruturado intencionalmente em blocos de poemas, como sejam o 2, 7,3 e 12. A simbologia numérica e hermética da obra conduz-nos necessariamente à simpatia declarada de Fernando Pessoa pela Maçonaria.

Um outro detalhe importante, em *A Mensagem*, é o facto de esta ter sido a primeira obra do autor publicada em Português (até então agora o autor só tinha obras publicadas em Inglês).

O autor de *O Livro de Desassossego* também tem outro propósito nesta publicação que tem como referência OS Lusíadas, de fato a obra têm, tal como *Os Lusíadas*, um cariz didático.

Importa, ainda, salientar o intuito de levantar o moral da Nação<sup>23</sup>. Portugal estava a passar um período difícil na sua história, devido à participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial e a questão do *Ultimatum* inglês. O contributo português para a Primeira Guerra mundial foi quase nulo e até vergonhoso (maioritariamente devido ao massacre sofrido pelos Portugueses na batalha de *La Lys*) o que deixou a população portuguesa desgostosa.

O *Ultimatum* britânico a Portugal também representou uma situação muito tensa para o país, pois após o incidente entre Portugueses e Macololos, o Primeiro-Ministro Inglês, Lord Salisbury, apela a Portugal para retirar as suas forças militares do território entre as colónias de Moçambique e Angola. Portugal acede ao pedido temendo represálias britânicas se não o fizesse.

---

<sup>23</sup> ZENITH, Richard; *Fotobiografias do século XX- Fernando Pessoa*; 2ª edição junho de 2012; editora Temas e Debates, Círculo de Leitores; página 158 linha 85 a 86



Estes dois últimos acontecimentos foram humilhantes para Portugal, e geraram um sentimento de descontentamento para com o governo que mais tarde levou à queda da monarquia e à instabilidade existente na Primeira República. À luz do contexto sociocultural da altura a torna-se evidente a necessidade da publicação de uma obra de cariz nacionalista como *A Mensagem*, antecedida de outras obras como *A Pátria* de Guerra Junqueiro (1896), *O Desejado* de António Nobre (1902) e *O Encoberto* de Lopes Vieira (1905)

*A Mensagem* foi um sucesso estrondoso para o autor<sup>24</sup>, pois com a publicação deu-se não só o reconhecimento a nível nacional de Fernando Pessoa, bem como a moralização do País.<sup>25</sup>

Gostaria ainda de referir que, em *O Infante*, o autor apresenta uma das mais importantes mensagens da obra. Apesar da ideia existente no penúltimo verso “*Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez*”, o que resta é reconstruir Portugal. Representava uma língua, uma cultura, tanto na Europa como em África, e é evidente em *A Mensagem* que Portugal deve retomar um período dourado, expresso na frase “*Senhor, falta-se cumprir Portugal*”, que ilustra a ideia do Quinto Império e da respetiva expansão.

---

<sup>24</sup> ZENITH, Richard; Fotobiografias do século XX- Fernando Pessoa; 2ª edição junho de 2012; editora Temas e Debates, Círculo de Leitores; página 158, linha 48 a 53.

<sup>25</sup> Contudo há que mencionar que o autor considerava a obra imperfeita apesar de tudo, como se constata na Carta da Génese dos Heterónimos.

### III - Conclusão

Ao finalizar este trabalho gostaria de responder à questão de investigação registada no início desta monografia e que relembro: “Que evolução se deu na produção autoral de *A Mensagem* até à respetiva publicação em 1934?”

Todo o autor vive para a publicação das suas obras, pois é o seu sustento e também é a forma de ser reconhecido como escritor. Pessoa não é diferente, este vivia obcecado com a publicação de uma obra que seria o seu Legado. Legado esse que Pessoa queria que fosse uma edição oficial que lhe desse o reconhecimento público, e em *A Mensagem* o autor atingiu claramente estes dois objetivos.

Nesta obra o autor também conseguiu fundar um estilo próprio, estilo que tem como principal característica a capacidade de metaforizar, evidente em todos os poemas da obra. Desde o início da produção de *A Mensagem*, com o poema *D. Fernando*, a qualidade literária, o estilo do autor e algumas ideias fundamentais referidas no desenvolvimento deste trabalho mantém-se, Pessoa não consegue ser afinal o supremacões, mas retoma a epopeia camoniana de uma forma muito original, modernista e consegue redigir um texto que fica para sempre na história da literatura portuguesa. Consegue ainda um outro propósito, que é o da publicação de uma obra que tem uma dimensão nacional, à altura.

Devo dizer que esta foi uma obra muito “esculpida”. Assim, demorou cerca de 20 anos a ser escrita apesar de ter apenas 44 poemas. Esta demora deveu-se a toda uma panóplia de fatores, alguns intrínsecos ao autor (reatar e terminar uma relação, questões de saúde, entre outras) e outras extrínsecas ao autor, como as questões de natureza política (*Ultimatim* inglês). Como referi anteriormente, o SPN concebeu o Prémio antes de Qental para que se encontrasse uma obra de cariz nacionalista que levantasse a moral dos portugueses. *A Mensagem* enquadrava-se perfeitamente neste âmbito.

Posso também afirmar que António Ferro e o SPN tinham o desejo que Pessoa ganhasse este concurso, pois a data de submissão das obras a concurso foi adiada, o prémio atribuído ao segundo lugar foi aumentado, e a própria SPN pagou a publicação da obra, como referi anteriormente.

Gostaria de referir que Fernando Pessoa, desde a sua infância, era um nacionalista convicto, tendo em muito contribuído o seu afastamento da Pátria. Tal como em *Os Lusíadas*, as grandes figuras da história de Portugal servem para fundamentar e consolidar o presente, mas também para lançar as bases para o futuro, redimensionado na ideia fulcral que é a do Quinto Império.

## IV - Bibliografia:

### Bibliografia Ativa:

PESSOA, Fernando; *A Mensagem*; 8ª edição, Assírio & Alvim, Lisboa, 2010.

MONTEIRO, Adolfo Casais; *A Poesia de Fernando Pessoa; Carta da Génese dos Heterónimos*; 3ª edição; Editorial Presença, Lisboa, 2006.

### Bibliografia passiva:

HIPÓLITO, Nuno; *As Mensagens da Mensagem*; editora Parceria A. M. Pereira.2007-2010;

ZENITH, Richard; *Fotobiografias do século XX- Fernando Pessoa*; 2ª edição junho de 2012; editora Temas e Debates, Círculo de Leitores:

- 1) Página 158; parágrafo da direita; linhas 28-32
- 2) Página 158; parágrafo da direita; linhas 37-39
- 3) Página 160; linhas 1-4

SIMÕES, João Gaspar; *Vida e Obra de Fernando Pessoa*; 7ª edição Junho 2011; editora Bonecos Rebeldes

### Sítios da WEB:

Imagem a)- 16-7-12; 16:10 [http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=pt-BR&biw=1024&bih=643&tbn=isch&tbnid=scEC7hGqhMgnTM:&imgrefurl=http://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando\\_Pessoa&docid=i5oeJ7jsHKMw8M&imgurl=http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/4/42/216\\_2310-Fernando-Pessoa.jpg/260px-216\\_2310-Fernando-Pessoa.jpg&w=260&h=282&ei=uiouEUK7nGMql0QWRjMnHBw&zoom=1&iact=hc&vpx=88&vpy=168&dur=1989&hovh=225&hovw=208&tx=91&ty=79&sig=102747095809875753108&page=1&tbnh=130&tbnw=103&start=0&ndsp=23&ved=1t:429,r:0,s:0,i:134](http://www.google.pt/imgres?um=1&hl=pt-BR&biw=1024&bih=643&tbn=isch&tbnid=scEC7hGqhMgnTM:&imgrefurl=http://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Pessoa&docid=i5oeJ7jsHKMw8M&imgurl=http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/4/42/216_2310-Fernando-Pessoa.jpg/260px-216_2310-Fernando-Pessoa.jpg&w=260&h=282&ei=uiouEUK7nGMql0QWRjMnHBw&zoom=1&iact=hc&vpx=88&vpy=168&dur=1989&hovh=225&hovw=208&tx=91&ty=79&sig=102747095809875753108&page=1&tbnh=130&tbnw=103&start=0&ndsp=23&ved=1t:429,r:0,s:0,i:134)

HIPÓLITO, Nuno; *As Mensagens da Mensagem*; editora Parceria A. M. Pereira.2007-2010; <http://www.umfernandopessoa.com/livros/as-mensagens-da-mensagem-2010.pdf>

**Este trabalho contém: 4000 palavras**

## V - Anexo:

### 1. Carta a Adolfo Casais Monteiro

Caixa Postal 147

Lisboa, 13 de Janeiro de 1935

Meu prezado Camarada:

Muito agradeço a sua carta, a que vou responder imediata e integralmente. Antes de, propriamente, começar, quero pedir-lhe desculpa de lhe escrever neste papel de cópia. Acabou-se-me o decente, é domingo, e não posso arranjar outro. Mas mais vale, creio, o mau papel que o adiamento.

Em primeiro lugar, quero dizer-lhe que nunca eu veria «outras razões» em qualquer coisa que escrevesse, discordando, a meu respeito. Sou um dos poucos poetas portugueses que não decretou a sua própria infalibilidade, nem toma qualquer crítica., que se lhe faça, como um ato de lesa-divindade. Além disso, quaisquer que sejam os meus defeitos mentais, é nula em mim a tendência para a mania da perseguição. À parte isso, conheço já suficientemente a sua independência mental, que, se me é permitido dizê-lo, muito aprovo e louvo. Nunca me propus ser Mestre ou Chefe-Mestre, porque não sei ensinar, nem sei se teria que ensinar; Chefe, porque nem sei estrear ovos. Não se preocupe, pois, em qualquer ocasião, com o que tenha que dizer a meu respeito. Não procuro caves nos andares nobres.

Concordo absolutamente consigo em que não foi feliz a estreia, que de mim mesmo fiz com um livro da natureza de «Mensagem». Sou, de fato, um nacionalista místico, um sebastianista racional. Mas sou, à parte isso, e até em contradição com isso, muitas outras cousas. E essa cousas pela mesma natureza do livro, a «Mensagem» não as inclui.

Comecei por esse livro as minhas publicações pela simples razão de que foi o primeiro livro que consegui, não sei porquê, ter organizado e pronto. Como estava pronto incitaram-me a que o publicasse: acedi. Nem o fiz, devo dizer, com os olhos postos no prémio possível do Secretariado, embora nisso não houvesse pecado intelectual de maior. O meu livro estava pronto em Setembro, e eu julgava, até, que não poderia concorrer ao Premio, pois ignorava que o prazo para entrega dos livros, que primitivamente fora até fim de Julho, fora alargado até ao fim de Outubro. Como, porém, em fim de Outubro já havia exemplares prontos da «Mensagem», fiz entrega dos que o Secretariado exigia. O livro estava exatamente nas condições (nacionalismo) de concorrer. Concorri.

Quando às vezes pensava na ordem de uma futura publicação de obras minhas, nunca um livro do género de «Mensagem» figurava em número um. Hesitava entre se deveria começar por um livro de versos grande - um livro de umas 350 páginas -, englobando as

várias subpersonalidades de Fernando Pessoa ele mesmo, ou se deveria abrir com uma novela policiária, que ainda não consegui completar.

Concordo consigo, disse, em que não foi feliz a estreia, que de mim mesmo fiz, com a publicação de «Mensagem». Mas concordo com os fatos que foi a melhor estreia que eu poderia fazer. Precisamente porque essa faceta - em certo modo secundária - da minha personalidade não tinha nunca sido suficientemente manifestada nas minhas colaborações em revistas (exceto no caso do Mar Português, parte deste mesmo livro) - precisamente por isso convinha que ela aparecesse, e que aparecesse agora. Coincidiu, sem que eu o planejasse ou o premeditasse (sou incapaz de premeditação prática), com um dos momentos críticos (no sentido original da palavra) da remodelação do subconsciente nacional. O que fiz por acaso e se completou por conversa, fora exatamente talhado, com Esquadria e Compasso, pelo Grande Arquiteto.

(Interrompo. Não estou doido nem bêbado. Estou, porém, escrevendo diretamente, tão depressa quanto a máquina mo permite, e vou-me servindo das expressões que me ocorrem, sem olhar a que literatura haja nelas. Suponha - e fará bem em supor, porque é verdade - que estou simplesmente falando consigo.)

Respondo agora diretamente às suas três perguntas: (1) plano futuro da publicação das minhas obras, (2) gênese dos meus heterônimos, e (3) ocultismo.

Feita, nas condições que lhe indiquei, a publicação da «Mensagem», que é uma manifestação unilateral, tenciono prosseguir da seguinte maneira. Estou agora completando uma versão inteiramente remodelada do Banqueiro Anarquista; essa deve estar pronta em breve e conto, desde que esteja pronta, publicá-la imediatamente. Se assim fizer, traduzo imediatamente esse escrito para inglês, e vou ver se o posso publicar em Inglaterra. Tal qual deve ficar, tem probabilidades europeias. (Não tome esta frase no sentido de Prémio Nobel imanente.) Depois - e agora respondo propriamente à sua pergunta, que se reporta a poesia - tenciono, durante o verão, reunir o tal grande volume dos poemas pequenos do Fernando Pessoa ele mesmo, e ver se o consigo publicar em fins do ano em que estamos. Será esse o volume que o Casais Monteiro espera, e é esse que eu mesmo desejo que se faça. Esse, então, será as facetas todas, exceto a nacionalista, que «Mensagem» já manifestou.

Referi-me, como viu, ao Fernando Pessoa só. Não penso nada do Caeiro, do Ricardo Reis ou do Álvaro de Campos. Nada disso poderei fazer, no sentido de publicar, exceto quando (ver mais acima) me for dado o Prémio Nobel. E contudo - penso-o com tristeza - pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda a minha disciplina mental, vestida da música que lhe é própria, pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida. Pensar, meu querido Casais Monteiro, que todos estes têm que ser, na prática da publicação, preteridos pelo Fernando Pessoa., impuro e simples!

Creio que respondi à sua primeira pergunta.

Se fui omissos, diga em quê. Se puder responder, responderei. Mais planos não tenho, por enquanto. E, sabendo eu o que são e em que dão os meus planos, é caso para dizer, Graças a Deus!

Passo agora a responder à sua pergunta sobre a gênese dos meus heterônimos. Vou ver se consigo responder-lhe completamente.

Começo pela parte psiquiátrica. A origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurasténico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenómenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registo dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenómenos - felizmente para mim e para os outros - mentalizaram-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contato com outros; fazem explosão para dentro e vivo-os eu a sós comigo. Se eu fosse mulher - na mulher os fenómenos histéricos rompem em ataques e cousas parecidas - cada poema de Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem - e nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia...

Isto explica, tant bien que mal, a origem orgânica do meu heteronimismo. Vou agora fazer-lhe a história direta dos meus heterônimos. Começo por aqueles que morreram, e de alguns dos quais já me não lembro - os que jazem perdidos no passado remoto da minha infância quase esquecida.

Desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram. (Não sei, bem entendido, se realmente não existiram, ou se sou eu que não existo. Nestas cousas, como em todas, não devemos ser dogmáticos.) Desde que me conheço como sendo aquilo a que chamo eu, me lembro de precisar mentalmente, em figura, movimentos, carácter e história, várias figuras irreais que eram para mim tão visíveis e minhas como as cousas daquilo a que chamamos, porventura abusivamente, a vida real. Esta tendência, que me vem desde que me lembro de ser um eu, tem-me acompanhado sempre, mudando um pouco o tipo de música com que me encanta, mas não alterando nunca a sua maneira de encantar.

Lembro, assim, o que me parece ter sido o meu primeiro heterónimo, ou, antes, o meu primeiro conhecido inexistente - um certo Chevalier de Pas dos meus seis anos, por quem escrevia cartas dele a mim mesmo, e cuja figura, não inteiramente vaga, ainda conquista aquela parte da minha afeição que confina com a saudade. Lembro-me, com menos nitidez, de uma outra figura, cujo nome já me não ocorre mas que o tinha estrangeiro também, que era, não sei em quê, um rival do Chevalier de Pas... Cousas que acontecem a todas as crianças? Sem dúvida - ou talvez. Mas a tal ponto as vivi que as vivo ainda, pois que as relembro de tal modo que é mister um esforço para me fazer saber que não foram realidades.

Esta tendência para criar em torno de mim um outro mundo, igual a este mas com outra gente, nunca me saiu da imaginação. Teve várias fases, entre as quais esta, sucedida já em maioridade. Ocorria-me um dito de espírito, absolutamente alheio, por um motivo ou outro, a quem eu sou, ou a quem suponho que sou. Dizia-o, imediatamente, espontaneamente, como sendo de certo amigo meu, cujo nome inventava, cuja história acrescentava, e cuja figura - cara, estatura, traje e gesto - imediatamente eu via diante de mim. E assim arranjei, e propaguei, vários amigos e conhecidos que nunca existiram, mas que ainda hoje, a perto de trinta anos de distância, oiço, sinto, vejo. Repito: oiço, sinto, vejo... E tenho saudades deles.

(Em eu começando a falar - e escrever à máquina é para mim falar -, custa-me a encontrar o travão. Basta de maçada para si, Casais Monteiro! Vou entrar na gênese dos meus heterônimos literários, que é, afinal, o que V. quer saber. Em todo o caso, o que vai dito acima dá-lhe a história da mãe que os deu à luz.)

Aí por 1912, salvo erro (que nunca pode ser grande), veio-me à ideia escrever uns poemas de índole pagã. Esbocei umas cousas em verso irregular (não no estilo Álvaro de Campos, mas num estilo de meia regularidade), e abandonei o caso. Esboçara-se-me, contudo, numa penumbra mal urdida, um vago retrato da pessoa que estava a fazer aquilo. (Tinha nascido, sem que eu soubesse, o Ricardo Reis.)

Ano e meio, ou dois anos depois, lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro - de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira - foi em 8 de Março de 1914 - acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, O Guardador de Rebanhos. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei noutra folha e escrevi, a fio, também, os seis poemas que constituem a Chuva Oblíqua, de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente... Foi o regresso de Fernando Pessoa-Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reação de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro.

Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir - intuitiva e subconscientemente - uns discípulos. Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome, e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o via. E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jato, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a Ode Triunfal de Álvaro de Campos - a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem.

Criei, então, uma coterie inexistente. Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as



divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa. Se algum dia eu puder publicar a discussão estética entre Ricardo Reis e Álvaro de Campos, verá como eles são diferentes, e como eu não sou nada na matéria.

Quando foi da publicação de Orpheu, foi preciso, à última hora, arranjar qualquer coisa para completar o número de páginas. Sugerí então ao Sá-Carneiro que eu fizesse um poema «antigo» do Álvaro de Campos - um poema de como o Álvaro de Campos seria antes de ter conhecido Caeiro e ter caído sob a sua influência. E assim fiz o Opiário, em que tentei dar todas as tendências latentes do Álvaro de Campos, conforme haviam de ser depois reveladas, mas sem haver ainda qualquer traço de contato com o seu mestre Caeiro. Foi dos poemas que tenho escrito, o que me deu mais que fazer, pelo duplo poder de despersonalização que tive que desenvolver. Mas, enfim, creio que não saiu mau, e que dá o Álvaro em botão...

Creio que lhe expliquei a origem dos meus heterônimos. Se há porém qualquer ponto em que precisa de um esclarecimento mais lúcido - estou escrevendo depressa, e quando escrevo depressa não sou muito lúcido -, diga, que de bom grado lho darei. E, é verdade, um complemento verdadeiro e histórico: ao escrever certos passos das Notas para recordação do meu Mestre Caeiro, do Álvaro de Campos, tenho chorado lágrimas verdadeiras. É para que saiba com quem está lidando, meu caro Casais Monteiro!

Mais uns apontamentos nesta matéria... Eu vejo diante de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Construí-lhes as idades e as vidas. Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil. Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão nem educação quase alguma. Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (às 01:30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inatividade. Caeiro era de estatura média, e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era. Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mas seco. Álvaro de Campos é alto (1,75 in de altura, mais 2 cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara rapada todos - o Caeiro louro sem cor, olhos azuis; Reis de um vago moreno mate; Campos entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. Caeiro, como disse, não teve mais educação que quase nenhuma - só instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivía com uma tia velha, tia-avó. Ricardo Reis, educado num colégio de jesuítas, é, como disse, médico; vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico. É, um latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria. Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia,

primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem ao Oriente de onde resultou o Opiário. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre.

Como escrevo em nome desses três?... Caeiro, por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular o que iria escrever. Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstrata, que subitamente se concretiza numa ode. Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê. (O meu semi-heterónimo Bernardo Soares, que aliás em muitas cousas se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. É um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afetividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de ténue à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual; ao passo que Caeiro escrevia mal o português, Campos razoavelmente mas com lapsos como dizer «eu próprio» em vez de «eu mesmo», etc., Reis melhor do que eu, mas com um purismo que considero exagerado. O difícil para mim é escrever a prosa de Reis - ainda inédita - ou de Campos. A simulação é mais fácil, até porque é mais espontânea, em verso.)

Nesta altura estará o Casais Monteiro pensando que má sorte o fez cair, por leitura, em meio de um manicómio. Em todo o caso, o pior de tudo isto é a incoerência com que o tenho escrito. Repito, porém: escrevo como se estivesse falando consigo, para que possa escrever imediatamente. Não sendo assim, passariam meses sem eu conseguir escrever. (\*)

Falta responder à sua pergunta quanto ao ocultismo. Pergunta-me se creio no ocultismo. Feita assim, a pergunta não é bem clara; compreendo porém a intenção e a ela respondo. Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes desses mundos, em experiências de diversos graus de espiritualidade, subtilizando-se até se chegar a um Ente Supremo, que presumivelmente criou este mundo. Pode ser que haja outros Entes, igualmente Supremos, que hajam criado outros universos, e que esses universos coexistam com o nosso, interpenetradamente ou não. Por estas razões, e ainda outras, a Ordem Externa do Ocultismo, ou seja, a Maçonaria, evita (exceto a Maçonaria anglo-saxónica) a expressão «Deus», dadas as suas implicações teológicas e populares, e prefere dizer «Grande Arquitecto do Universo», expressão que deixa em branco o problema de se Ele é Criador, ou simples Governador do mundo. Dadas estas escalas de seres, não creio na comunicação direta com Deus, mas, segundo a nossa afinação espiritual, poderemos ir comunicando com seres cada vez mais altos. (é importante porque explica o tema e alguns poemas: ele considera-se um nacionalista místico, e como tal introduz o poema do Mostrengo na obra *A mensagem*). Há três caminhos para o oculto: o caminho mágico (incluindo práticas como as do espiritismo, intelectualmente ao nível da bruxaria, que é magia também), caminho esse extremamente perigoso, em todos os sentidos; o caminho místico, que não tem propriamente perigos, mas é incerto e lento; e o que se chama o caminho alquímico, o mais difícil e o mais perfeito de todos, porque envolve uma transmutação da própria personalidade que a prepara, sem grandes riscos, antes com defesas que os outros

caminhos não têm. Quanto a «iniciação» ou não, posso dizer-lhe só isto, que não sei se responde à sua pergunta: não pertenço a Ordem Iniciática nenhuma. A citação, epígrafe ao meu poema Eros e Psique, de um trecho (traduzido, pois o Ritual é em latim) do Ritual do Terceiro Grau da Ordem Templária de Portugal, indica simplesmente - o que é fato - que me foi permitido folhear os Rituais dos três primeiros graus dessa Ordem, extinta, ou em dormência desde cerca de 1888. Se não estivesse em dormência, eu não citaria o trecho do Ritual, pois se não devem citar (indicando a origem) trechos de Rituais que estão em trabalho. (\*\*)

Creio assim, meu querido camarada, ter respondido, ainda com certas incoerências, às suas perguntas. Se há outras que deseja fazer, não hesite em fazê-las. Responderei conforme puder e o melhor que puder. O que poderá suceder, e isso me desculpará desde já, é não responder tão depressa.

Abraça-o o camarada que muito o estima e admira.

Fernando Pessoa

P. S. (!!!)

Além da cópia que normalmente tiro para mim, quando escrevo à máquina, de qualquer carta que envolve explicações da ordem das que esta contém, tirei uma cópia suplementar, tanto para o caso de esta carta se extraviar, como para o de, possivelmente, ser-lhe precisa para qualquer outro fim. Essa cópia está sempre às suas ordens.

Outra cousa. Pode ser que, para qualquer estudo seu, ou outro fim análogo, o Casais Monteiro precise, no futuro, de citar qualquer passo desta carta. Fica desde já autorizado a fazê-lo, mas com uma reserva, e peço-lhe licença para lha acentuar. O parágrafo sobre ocultismo, na página 7 da minha carta, não pode ser reproduzido em letra impressa. Desejando responder o mais claramente possível à sua pergunta, saí propositadamente um pouco fora dos limites que são naturais nesta matéria.

Trata-se de uma carta particular, e por isso não hesitei em fazê-lo. Nada obsta a que leia esse parágrafo a quem quiser, desde que essa outra pessoa obedeça também ao critério de não reproduzir em letra impressa o que nesse parágrafo vai escrito. Creio que posso contar consigo para tal fim negativo.

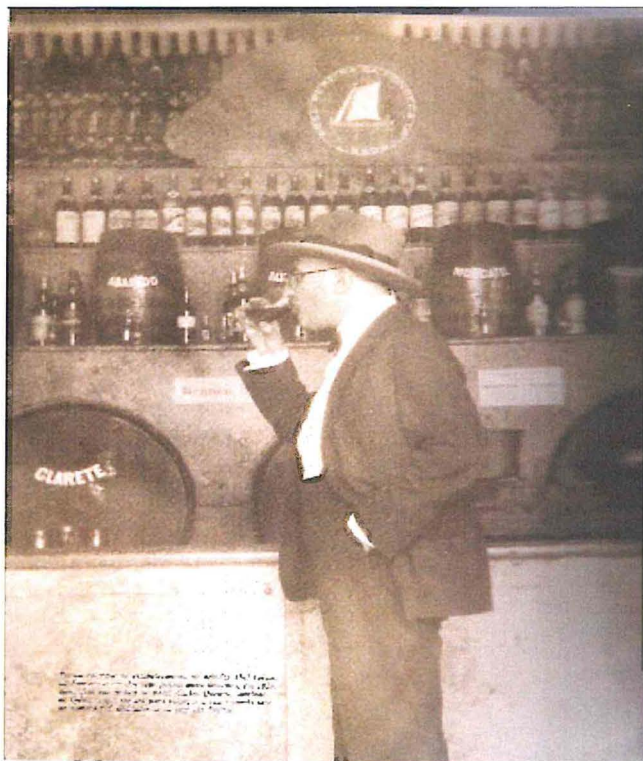
Contínuo em dívida para consigo da carta ultradevida sobre os seus últimos livros. Mantenho o que creio que lhe disse na minha carta anterior: quando agora (creio que será só em Fevereiro) passar alguns dias no Estoril, porei essa correspondência em ordem, pois estou em dívida, nessa matéria, não só para consigo, mas também com várias outras pessoas.

Ocorre-me perguntar de novo uma cousa que já lhe perguntei e a que me não respondeu: recebeu os meus folhetos de versos em inglês, que há tempos lhe enviei?

«Para meu governo», como se diz em linguagem comercial, pedia-lhe que me indicasse o mais depressa possível que recebeu esta carta.

Obrigado.

## 2. Anexo 2: “Fernando Pessoa em flagrante delicto”



3. Anexo 3: Fotos tiradas na Casa Fernando Pessoa

3.1. Cópia da primeira publicação de *A Mensagem*

